



# TURISMO HISTÓRIA, PATRIMÓNIO E IDEOLOGIA

## DIÁLOGOS E MEMÓRIAS

## FICHA TÉCNICA

### CONCEÇÃO

Câmara Municipal de Cascais – Departamento de Inovação e Comunicação – Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico  
Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Instituto de História Contemporânea

### COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Ana Paula Pires  
Cândida Cadavez  
João Miguel Henriques

### GESTÃO DA EDIÇÃO

Maria Conceição Santos

### AUTORES

Ana Luísa Pires  
Ana Paula Vieira da Silva e Sousa  
Ana Quintas  
Anabela Figueiredo Machado Monteiro  
Armando Quintas  
Carla Ribeiro  
Carlos Filipe  
Carlos Guilherme Riley  
Celeste Nava Jiménez  
Cinthia Rolim de Albuquerque Meneguel  
Cristina Carvalho  
Denise Janaina da Cruz  
Elsa Ventura Ramos  
Frédéric Vidal  
Guilherme d'Oliveira Martins  
Isabel Soares de Albergaria  
Ivan Rêgo Aragão  
Joaquim Manuel Vieira Rodrigues  
Jorge Umbelino  
José Guilherme Vitorino  
Joana Lucas  
Joselaine de Jesus Pereira  
Licínio Cunha  
Ligimar Flórido  
Luís Boavida Portugal  
Luís Manata  
Luís Timóteo de Barros  
Luísa Mendes-Jorge  
Madalena Corte-Real  
Maria João Gomes  
Maria Mota Almeida  
Marianna Monte  
Paulo Barroso  
Ricardo Ferreira de Almeida  
Ricardo Hipólito  
Susana Rocha Relvas  
Vanessa Alexandra Pereira

### APOIO

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril  
Fundação António Quadros - Cultura e Pensamento

### DESIGN

Adriana Silva

### ISBN

978-972-637-307-0

Cascais, julho de 2020

O turismo é uma invenção europeia, com raízes no século XVIII. Às viagens marítimas, religiosas e de negócios juntar-se-iam as viagens de recreio, que transformaram esta atividade num fenómeno económico e social, em constante mutação e desenvolvimento.

Entre a segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, o país iniciaria um inexorável processo de modernização em função das necessidades dos vilegia (turistas). As aldeias piscatórias transformaram-se em praias e lugares patrimoniais, como Alcobaça, Batalha, Tomar ou Sintra, receberam cada vez mais visitantes.

O rico passado histórico e a situação geográfica de Portugal, escala das grandes rotas do trânsito marítimo intercontinental, desenharam as características fundamentais do turismo nacional num mercado em que continua a consolidar-se como destino de excelência. O clima ameno, multiplicidade de paisagens, vasta costa pontuada por praias excecionais, variedade de águas medicinais e riqueza cultural do nosso país concorrerem, assim, para a construção da oferta que hoje conhecemos.

Os governos republicanos, não o podemos esquecer, desempenharam um papel importante neste processo ao criarem as primeiras estruturas oficiais de turismo e estabelecerem a primeira classificação oficial dos lugares turísticos, que o Estado Novo soube levar mais longe.

A primeira página da edição de 22 de julho de 1935 do jornal *O Século* anunciava a realização do I Congresso Nacional de Turismo em Portugal num artigo que prometia que os seus resultados seriam úteis, «dentro das realidades atuais», garantindo igualmente que «as conclusões que vierem a ser votadas representam, de facto, o aproveitamento de uma análise, tão profunda quanto possível, de todos os problemas que, direta ou indiretamente, interessam ao turismo, que é uma causa de verdadeiro interesse nacional».

O encontro, inicialmente sugerido por Raul da Costa Couvreur, representante da Sociedade Propaganda de Portugal, acabou por acontecer apenas entre 12 e 16 de janeiro de 1936. Assim, no ano em que a vizinha Espanha se confrontava numa guerra civil e quando o resto do mundo se encaminhava para um longo período de devastação e conflitos bélicos, a “Nação” portuguesa organizava com pompa e circunstância o I Congresso Nacional de Turismo, cujas reuniões de trabalho decorreram maioritariamente na Sociedade de Geografia de Lisboa, em sessões que abordavam, entre outros temas, a escassez quantitativa e qualitativa do parque hoteleiro nacional, a necessidade de aperfeiçoar a formação dos profissionais, a importância atribuída pelo novo regime político à preservação e à divulgação do património nacional cultural e imaterial ou ainda a falta de diversificação de produtos turísticos.

Mais de 80 anos passados sobre este evento, a presente obra reúne uma série de reflexões que, entre outros assuntos, abordam os diversos papéis que o turismo tem desempenhado ao longo dos tempos, o modo variado como a atividade afeta as sociedades coevas e muitos exemplos de práticas inovadoras, criativas e sustentáveis, indispensáveis para a captação dos fluxos de viajantes atuais.

Ana Paula Pires  
Cândida Cadavez  
João Miguel Henriques

# TURISMO HISTÓRIA, PATRIMÓNIO E IDEOLOGIA DIÁLOGOS E MEMÓRIAS

## REFLEXÕES

- 11 **À procura de um turismo português: Nota brevíssima**  
Guilherme D' Oliveira Martins
- 17 **O Pioneirismo do I Congresso Nacional de Turismo (1936)**  
Licínio Cunha
- 29 **Integridade vs. Adaptabilidade? Uma reflexão sobre a utilização hoteleira do património edificado em Portugal**  
Luís Boavida Portugal

## IMAGENS DE PORTUGAL

- 43 **Saúde e turismo: a Madeira na rota dos viajantes e doentes do século XIX**  
Luís Timóteo de Barros
- 59 **Turismo em Portugal: e se António Ferro não tivesse existido?**  
Carla Ribeiro
- 77 **As Edições de Turismo do SPN/SNI sob António Ferro: Cristalização de uma Imagem**  
Ana Quintas
- 93 **Entre a propaganda e a realidade: as “heterodoxias” de Leitão de Barros em relação ao turismo**  
José Guilherme Vitorino

## CULTURA, PATRIMÓNIO E MEMÓRIA

- 107 **“Mas leve consigo, bem acordados, todos os sentidos”:  
a divulgação patrimonial e o turismo na obra *Paisagem  
e Monumentos de Portugal***  
Maria Mota Almeida
- 127 **A procura da identidade em percursos de alteridade:  
A essência do “viajar” no turismo religioso**  
Paulo Barroso
- 143 **Turismo cultural como ferramenta de valorização  
da memória: Quilombo do Pai Felipe em Santos/SP**  
Cinthia Rolim de Albuquerque Meneguel, Denise Janaina  
da Cruz, Joselaine de Jesus Pereira e Ligimar Flório

## TURISMO E CULTURA CIENTÍFICA

- 161 **Turismo, terras de Portugal e de Espanha: Redes de turismo  
cultural (literário e intelectual) ontem e hoje**  
Susana Rocha Relvas
- 175 **Turismo, educação, criatividade e cultura: o papel  
da Mobilidade académica**  
Anabela Figueiredo Machado Monteiro

## PODER, TERRITÓRIO E PROPAGANDA

- 199 **O “mundo do turismo” em Portugal: atores, políticas  
e territórios (anos 1900 - anos 1930)**  
Frédéric Vidal
- 213 **Olhar a paisagem há 160 anos - o comboio e o turismo  
em Portugal**  
Ana Paula Vieira da Silva e Sousa
- 227 **Turismo, império e ideologia: A construção e a promoção  
da Mauritânia enquanto destino turístico (1920-1960)**  
Joana Lucas

## HISTÓRIAS DE TURISMO EM PORTUGAL

- 243 **O turismo nas Caldas da Rainha do século XIX  
para o século XX**  
Ricardo Hipólito
- 257 **Primórdios do Turismo nos Açores: de porto de Escala  
a Destino Turístico (1893-1939)**  
Carlos Guilherme Riley e Isabel Soares de Albergaria
- 277 **Fausto Figueiredo: Visão, Acção & Legado**  
Cristina Carvalho

## TURISMO, PATRIMÓNIO E IDENTIDADES

- 293 **Fado, pastéis de bacalhau e Douro: relações entre identidade, património e turismo no filme *A Gaiola Dourada***  
Ana Luísa Pires
- 305 **Em busca da *Freira Gulosa***  
Ricardo Ferreira de Almeida
- 319 **Tauromaquias populares, realidade e identidade**  
Elsa Ventura Ramos, Jorge Umbelino e Luísa Mendes-Jorge

## TURISMO E PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

- 339 **O Património Geológico das Pirites e dos Mármore do Alentejo: Património, Identidade e Turismo Cultural**  
Armando Quintas e Vanessa Alexandra Pereira
- 361 **A Rota do Mármore entre a indústria e a oferta turística: dificuldade ou oportunidade?**  
Carlos Filipe

## TURISMO E CULTURA DE MASSAS

- 379 **História e património pilares do futuro turístico do Algarve**  
Joaquim Manuel Vieira Rodrigues
- 401 **Trafaria e Turismo, a evolução de uma identidade**  
Luís Manata, Madalena Corte-Real, Maria João Gomes e Marianna Monte
- 421 **Cultura, história e sociedade em dois destinos turísticos da América Latina**  
Ivan Rêgo Aragão e Celeste Nava Jiménez

## Turismo, império e ideologia: A construção e a promoção da Mauritânia enquanto destino turístico (1920-1960)

Joana Lucas

### Resumo

A situação periférica da Mauritânia na cartografia dos interesses imperiais, mas também na cartografia dos circuitos e interesses do turismo colonial, é o mote para este texto, que incidirá sobre a forma como a Mauritânia foi promovida turisticamente no quadro das colónias da África Ocidental Francesa. Aqui se explorará o seu “estatuto periférico”, através da forma como o território foi exibido nas Exposições Coloniais realizadas na metrópole, descrições que contribuíram para perpetuar o estatuto marginal do país no âmbito da narrativa colonial ligada ao lazer.

**Palavras-chave:** Império colonial francês, Mauritânia, Exposições Coloniais, Turismo

### Abstract

The peripheral situation of Mauritania in the mapping of imperial interests, but also in the cartography of the circuits and interests of colonial tourism, is the motto for this text, which will focus on how Mauritania was touristically promoted within the framework of the colonies of French West Africa. Here we will explore its “peripheral status”, through the forms the territory was displayed at the Colonial Expositions held in the metropolis, accounts that contributed to perpetuate the country’s marginal status within the context of the colonial narrative linked to leisure.

**Keywords:** French Colonial Empire, Mauritania, Colonial Exhibitions, Tourism

## 1. Quando o mundo inteiro cabia em França: exibição e ostentação de um Império Colonial

A segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX compreendem quase cem anos nos quais as Exposições Universais e Coloniais se afirmaram como espelhos dos Impérios Coloniais, projectando não só as várias faces do 'outro' colonial, sempre em mutação ao longo deste período, mas também a forma como as metrópoles se queriam 'ver' a si próprias e afirmar o seu lugar no mundo<sup>1</sup>.

As Exposições Universais e Coloniais foram um entre muitos outros dispositivos que contribuíram para a consolidação de um pensamento orientalista. Fizeram-no através da exibição organizada da alteridade e da diversidade cultural, objectificando as culturas 'exóticas' e tornando-as passíveis de consumo pelo ocidente (Bennet, 1988; Mitchell, 1988, 1998). No entanto, tal como refere Timothy Mitchell, muitas foram as formas encontradas pelos Impérios Coloniais para construir essa mesma imagem de um oriente fascinante na sua alteridade:

*"The nineteenth-century image of the Orient was constructed not just in Oriental studies, romantic novels, and colonial administrations, but in all the new procedures with which Europeans began to organize the representation of the world, from museums and world exhibitions to architecture, schooling, tourism, the fashion industry and the commodification of everyday life." (Mitchell, 1998:409)*

A segunda metade do século XIX ficará marcada pela realização das primeiras Exposições Universais pensadas a uma escala internacional. Em 1851 realiza-se em Londres a primeira Exposição Universal do século que teve lugar no recém-inaugurado "Cristal Palace" e que recebeu seis milhões de visitantes. A França, eterna concorrente das conquistas imperiais britânicas decide, sob comando de Louis-Napoléon Bonaparte, organizar a primeira Exposição Universal em território francês, que teve lugar em 1855. Depois do sucesso desta é realizada uma exposição internacional em Istambul (General Ottoman Exhibition em 1863), e outra no Egipto (1867) com vista à celebração da inauguração do Canal do Suez (Mitchell, 1988).

Ainda em 1867 é organizada em França a "Exposition Universelle d'Art et d'Industrie"<sup>2</sup>, a que se seguem as exposições de 1878 e 1900. Assim, e ao

longo de várias décadas (até à década de quarenta do século XX<sup>3</sup>) as Exposições Universais, e mais tarde as Exposições Coloniais, tornaram-se locais privilegiados para a consolidação de uma imagem dos Impérios coloniais junto das metrópoles e das suas populações.

Mas as Exposições Universais, realizadas na metrópole francesa entre 1855 e 1900<sup>4</sup>, contribuíram sobretudo para a transformação das percepções de alteridade e exotismo e para uma nova e diferente leitura do 'outro'. De facto, o material narrativo de descrição e 'tradução' do 'outro' presente na literatura de viagens e na literatura de exploração e conquista do território passou neste período a ser insuficiente e manifestamente 'pobre'<sup>5</sup>.

Com os projectos coloniais europeus em marcha, e com uma presença cada vez mais sistemática e consolidada das administrações coloniais nos territórios ultramarinos, começam a chegar às mãos dos cidadãos das metrópoles europeias informações mais substanciais sobre as colónias. Se as narrativas de viagem constituíram ampla fonte de inspiração a partir das descrições que continham, contemplando o 'outro', rapidamente estas se esgotaram enquanto contacto único com a alteridade.

No entanto, nas primeiras exposições realizadas em território francês tratava-se sobretudo de justificar perante a nação o investimento (humano, logístico e económico) da metrópole nos territórios coloniais, dando conta das suas riquezas e das suas potencialidades comerciais, ao mesmo tempo que era transmitida uma imagem das populações originárias desses territórios enquanto 'selvagens' e 'primitivas'. Esta estratégia de representação era justificativa da "missão civilizadora" da metrópole nos territórios coloniais com vista à 'domesticação' das populações autóctones.

De facto, o debate sobre até que ponto devia o país investir nos seus territórios coloniais, ou como estes deveriam ser administrados, constituía uma questão política controversa, que adquiria maior expressão em França do que por exemplo no Reino Unido (Benedict, 1991). A suspeição da população francesa em relação à viabilidade colonial só foi superada graças à capacidade do Império em se autopromover, e sobretudo, em tornar inteligível o seu papel nos territórios coloniais para as populações metropolitanas.

organização de excursões à exposição britânica de 1851 no "Cristal Palace", começa a organizar viagens "[...] to visit not exhibitions of the Orient but the real thing" (Mitchell, 1988:21).

3 Nos anos 1940 são ainda realizadas duas exposições coloniais em território europeu, a "Exposição do Mundo Português" em Lisboa em 1940 (em plena II Guerra Mundial), e a "Foire Coloniale" em Bruxelas em 1948.

4 Foram realizadas Exposições Universais em França nos seguintes anos: 1855, 1867, 1878, 1889 e 1900.

5 Sobre a inovação das Exposições Universais em finais do século XIX, Palcal Blanchard refere-nos: "The great novelty of these moments of scientific excitement, when compared with the eighteenth century and the first half of the nineteenth was that traveler's tales and engravings were no longer enough to satisfy the public." (Blanchard et al, 2008:7).

1 Este artigo inscreve-se no âmbito do meu Doutoramento em Antropologia (Lucas, 2014), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. As pesquisas documentais a que se refere este texto foram realizadas nos Archives Nationales d'Outre-Mer (Aix-en-Provence, França) que tiveram lugar entre Fevereiro e Abril de 2012.

2 É também no fim da década de 1860 que Thomas Cook, que havia impulsionado o sector turístico moderno através da

Para tal, tratava-se por um lado de provar a superioridade da metrópole face aos territórios coloniais, e por outro mostrar como essa superioridade civilizacional poderia ser utilizada com vista à ‘domesticação’ do ‘outro’:

*“Once colonial peoples recognized their inferiority and the French public understood the value of the colonies and their responsibility to these “primitive” races, the organizers of colonial expositions believed they could feel confident that they had begun to attain their goal.”*  
(Hale, 2008:20)

Foi esta a perspectiva que marcou os primeiros anos de realização das Exposições Universais e Coloniais, e que deu igualmente origem à exibição autónoma do ‘outro’, com maior ou menor contextualização relativamente ao seu lugar de origem. Contudo, nestas exposições, o lugar de origem é facilmente confundível com o ‘pavilhão de origem’, já que os próprios pavilhões, em alguns casos, condensam várias realidades nacionais raramente:

*“Colonial exhibitions soon became places of entertainment, where spectators would visit an archetypal zoo in which natives represent the species (the biocenose) and the pavilions represented the habitat (the biotope).”* (Boëtsch e Ardagna, 2008:120)

A lógica que presidia a este tipo de exposições era menos a de considerar as colónias ou os povos colonizados enquanto nações ou populações nacionais, mas considerá-las essencialmente enquanto representantes de uma “raça” ou de um fenótipo específico. Assim, num primeiro período de exibição do Império tratava-se de radicalizar a alteridade e de construir uma representação do ‘selvagem’ que funcionasse enquanto atractivo do ponto de vista do ‘marketing’ da exposição.

Desta forma a “raça” constitui-se como elemento primário do reconhecimento da alteridade e enquanto garantia de exotismo, não só no contexto francês mas por toda a Europa e América do Norte. No entanto, as especificidades geográficas do colonialismo francês levaram a que a administração colonial optasse, num primeiro momento, por uma estratégia de exibição e representação dos seus territórios onde estes eram divididos, grosso modo, em três diferentes grupos “raciais”: os negros, os mouros, e os indochineses. Esta tentativa tem, no caso africano, e mais concretamente no que diz respeito à Mauritânia, uma das suas contradições mais paradigmáticas, e contribuirá para a invisibilização da Mauritânia no contexto das colónias africanas sob domínio francês.

## 2. A “Exposition Nationale Coloniale de Marseille” de 1922

A “Exposition Nationale Coloniale de Marseille” decorreu entre Abril e Novembro de 1922 e constituiu à data a mais extensa exibição do Império Colonial Francês. Nesta exposição a ideia de inferioridade racial foi perpetuada, apesar do discurso dos seus organizadores se esforçar por expressar valores republicanos tais como ‘fraternidade’ e ‘igualdade’ (Hale, 2008).

Pela primeira vez no discurso oficial da metrópole tratava-se de transmitir e enfatizar a ideia de que as populações coloniais estariam em ‘comunhão’ com a França, e que esta lhes desejaria expressar gratidão e confiança após a participação activa de tropas coloniais no decorrer da I Guerra Mundial. Ao longo dos oito meses da Exposição Colonial a memória da participação das tropas ‘indígenas’ ao lado das tropas metropolitanas foi quotidianamente activada através da apresentação de *tirailleurs sénégalais*<sup>6</sup>, trajados a rigor com uniformes militares, em permanência à entrada do pavilhão da África Ocidental Francesa<sup>7</sup>, ou em performances nos diversos festivais paralelos da exposição.

A brochura dedicada pela “Exposition Nationale Coloniale” de Marselha à Mauritânia<sup>8</sup> apresenta o seu território e as suas populações, que são descritas a partir do seu fenótipo mas também a partir das suas formas de organização social. Ao mesmo tempo, nesta brochura surge pela primeira vez um discurso sobre as possibilidades da prática turística neste território, bem como sobre os seus eventuais atractivos turísticos. (Imagem 1)



Figura 1. Exposition Nationale Coloniale de Marseille (1922) La Mauritanie, Commissariat de l’Afrique Occidentale Française, Imprimerie Coopérative Barrier & Cie, Montauban (BIB AOM B2832). Archives Nationales d’Outre-Mer, Aix-en-Provence. Fotografia de Joana Lucas.

<sup>6</sup> Corpo militar pertencente à “Armée Coloniale” francesa, constituído em 1857 e designando o contingente de soldados coloniais negro-africanos, por oposição às unidades da África do Norte intituladas de “tirailleurs algériens”.

<sup>7</sup> O pavilhão da África Ocidental Francesa incluía os oito países que integravam a federação da A.O.F.: Costa do Marfim, Daomé, Guiné Francesa, Alto-Volta, Senegal, Sudão Francês, Níger e Mauritânia.

<sup>8</sup> Exposition Nationale Coloniale de Marseille (1922) La Mauritanie, Commissariat de l’Afrique Occidentale Française, Imprimerie Coopérative Barrier & Cie, Montauban.



Considero que é sobretudo a partir da publicação deste texto que o discurso sobre a *validade* da Mauritânia enquanto destino turístico ficará condicionado durante largos anos. Este texto desguarnece a Mauritânia de qualquer espécie de atractivo turístico para um público europeu, não vislumbrando sequer – para além da caça, como veremos – qualquer mais-valia futura tendo em conta as características geográficas deste território. Não se referindo directamente ao turismo, a brochura arquitecta e constrói para a Mauritânia um *papel* de retaguarda geográfica do Senegal no contexto da África Ocidental Francesa, em relação ao qual o país tardou a construir uma versão autónoma, alternativa ou antagónica:

«La Mauritanie est essentiellement une marche avancée destinée à protéger la colonie du Sénégal contre les incursions des pillards du Nord. La pacification du pays, après des périodes difficiles, est aujourd'hui complètement assurée et le Sénégal peut travailler sans crainte de razzias au développement de ses richesses. La nature même du sol et le peu de densité de la population ne permettent pas d'espérer pour la colonie elle-même un avenir économique aussi brillant que celui de la colonie voisine. Mais les inépuisables ressources en poissons de ses côtes peuvent lui donner, quand l'exploitation en sera faite méthodiquement et par des sociétés puissantes, un vigoureux essor et la faire contribuer, dans des proportions intéressantes, au ravitaillement de la métropole.» (Exposition Nationale Coloniale de Marseille, 1922:32)

As possibilidades ou as perspectivas para o esboço de uma actividade turística em território mauritano centrar-se-iam assim na caça. Partindo das características precárias de acessibilidade ao país, assim como das frágeis condições para a mobilidade interna, o seu texto insiste na caça como o único (eventual) atractivo tendo em vista as apetências de um público europeu, apresentando-a como a actividade turística por excelência, exequível em praticamente todas as regiões de um tão vasto território:

«La Mauritanie. Le tourisme et la chasse – Les difficultés de déplacement ont jusqu'ici détourné les touristes et les chasseurs de la Mauritanie. Cependant le genre animal est abondamment représenté dans la colonie par les espèces sauvages les plus variées. Outre qu'il est extrêmement poissonneux, le fleuve abrite des caïmans et des tortues d'eau douce ainsi que quelques hippopotames et lamantins. Des nombreuses variétés de canards et d'oies sauvages, de grues, de hérons (dont l'aigrette) y abondent également. Les fourrés du Chemama donnent asile au sanglier phacochère, au lion, au guépard, au chacal,

à l'hyène, à des antilopes de grande taille. Dans le Brakna et l'Assaba vivent encore quelques troupes de girafes et d'éléphants, le Trarza est l'habitat de l'outarde, de la canepetière et de la gazelle commune, l'oryx se rencontre dans le Tagant et l'Adrar et l'autruche, à l'état sauvage, est répandue dans toute la Mauritanie.» (Exposition Nationale Coloniale de Marseille, 1922:39)

Esta insistência na promoção da caça enquanto principal actividade turística no território da Mauritânia leva-nos a questionar o efectivo conhecimento que os redactores deste material teriam sobre o país<sup>9</sup>. Se é indiscutível que as possibilidades da prática da actividade cinegética eram, à data, reais - vejam-se as fotografias de cenas de caça tiradas por Odette du Puigau deau em 1934 (abetarda, grou-coroadado), ou de origem anónima em 1946 (avestruz)<sup>10</sup> – já é mais difícil admitir a presença das espécies acima descritas num território com as características físicas e geográficas da Mauritânia.

Acredito assim que as formulações enunciadas nesta brochura tenham tido origem numa generalização e homogeneização dos territórios da África Ocidental Francesa, que poderão ter tentado ocultar um desconhecimento efectivo dos mesmos, através da prática de uma *horizontalidade* territorial que não encontraria correspondência nas realidades locais e nacionais. Desta forma os guias turísticos, ao mesmo tempo que transportavam “silêncios ensurdecadores” sobre os países aos quais se referiam (Furlough, 2002), construíam igualmente *fantasias* para consumo de uma metrópole crédula.

### 3. A “Exposition Coloniale Internationale” de 1931

Em 1931 é realizada em Paris a última exposição internacional onde a palavra “colonial” figura no seu título<sup>11</sup>, e aqui debruçar-me-ei exclusivamente sobre a forma como a actividade turística foi apresentada no material editado por ocasião desta exposição. Nesta exposição a África Ocidental Francesa foi apresentada e exibida, uma vez mais, como um todo aparentemente coerente – num único pavilhão que replicava a “Grande Mosquée de Djenné<sup>12</sup> – apesar de terem sido publicadas brochuras individualiza-

<sup>9</sup> Derek Gregory (1999) refere, para o contexto do Egipto colonial, que existia uma distorção entre o discurso que era produzido sobre o país e a realidade efectiva do território: “The Egypt of these imaginative geographies was constructed with little or no reference to those who lived there, and no doubt its assumptions and appropriations provoked both distrust and dissent: but it was none the less a ‘real’ Egypt too, and its production had real consequences.” (Gregory, 1999:145).

<sup>10</sup> Disponíveis para consulta em <http://anom.archivesnationales.culture.gouv.fr>

<sup>11</sup> Em 1937 será ainda realizada em Paris a «Exposition Internationale Arts et Techniques dans la Vie Moderne», que não é no entanto apresentada como uma Exposição Colonial.

<sup>12</sup> Onde se incluíam as oito colónias da federação: Senegal, Guiné, Costa do Marfim, Daomé, Mauritânia, Sudão Francês, Alto-Volta e Níger.

das dedicadas a cada um dos oito países sob a égide da África Ocidental Francesa.

Igualmente no âmbito da “Exposition Coloniale Internationale” de 1931 é publicado um texto intitulado “Le Tourisme en Afrique Occidentale Française”<sup>13</sup> no âmbito do qual é esboçada uma espécie de “manual de sobrevivência” essencialmente destinado ao turista europeu. Em três secções intituladas respectivamente: “Disciplina”, “Higiene” e “Instrução”, o texto tece considerações sobre as populações *indígenas* da África Ocidental Francesa veiculando claramente generalizações e essencialismos diversos.

Após descrever sucintamente as atracções turísticas existentes em cada um dos territórios da A.O.F., em secções individualizadas para cada um dos territórios, conclui que existem dois países para os quais não se justifica uma secção autónoma dedicada ao turismo: a Mauritânia e o Níger. No entender dos autores da brochura nem a Mauritânia nem o Níger possuíam atractivos turísticos que fossem de encontro às expectativas da população metropolitana, ficando por isso apenas reservados a ‘amantes da solidão’ ou a etnógrafos profissionais ou amadores:

*«Les colonies de la Mauritanie et du Niger, enfin, ont dans leur ensemble un aspect désertique et ne peuvent attirer que les seuls amateurs de solitude et ceux qu’intéresse l’étude des mœurs des nomades qui les habitent, les Maures et les Touareg.» (Le Tourisme en Afrique Occidentale Française, 1931:21)*

Igualmente no âmbito da “Exposition Coloniale Internationale” de 1931, e na brochura que é dedicada à Mauritânia<sup>14</sup>, é contemplada uma secção dedicada às potencialidades turísticas do país, tal como já havia sido feito para a Exposição de Marselha de 1922. Se na publicação de 1922 a ênfase era posta na caça como única actividade turística possível no país, o texto de 1931 não é tão optimista:

*«La chasse ne paraît donc susceptible de servir de prétexte au tourisme que dans le sud de la Colonie. Mais les ressources cynégétiques n’y sont pas plus abondantes ou variées qu’au Soudan, plus facilement accessible grâce à la voie ferrée du Thiès-Niger et offrant de plus larges possibilités touristiques puisque sur le chemin des grands itinéraires*

*tracés à travers l’Afrique Occidentale Française.» (La Mauritanie, 1931:47) (Figura 2)*



Figura 2. Général de l’Afrique Occidentale Française, Société d’Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, Paris (BIB SOM d//962) Archives Nationales d’Outre-Mer, Aix en Provence. Fotografia de Joana Lucas.

A Mauritânia aparece retratada nesta publicação como um país inseguro<sup>15</sup>, desprovido de atractivos turísticos e de difícil acesso quando comparada com outros territórios da África Ocidental Francesa (tais como o Sudão, acima referido). No contexto da A.O.F. a Mauritânia estaria destinada exclusivamente a um papel estratégico-militar e político, mais uma vez destinada a proteger o território do Senegal.<sup>16</sup>

Para além desta ‘desclassificação’ face à publicação de 1922, o texto de 1931 acrescenta que a Mauritânia não faz parte do imaginário dos turistas, não tendo nenhuma mais-valia a acrescentar às paisagens desérticas que a caracterizam, e como tal faltar-lhe-ia o ‘prestígio’ de outras regiões:

*«La Mauritanie, au contraire, qui ne conduit qu’au désert, à l’écart des voies transsahariennes, ne jouit pas dans l’imagination du public du même prestige que certaines régions éloignées comme le Tchad, et n’offre à la curiosité des voyageurs aucune cité indigène dont la réputation nimbée de mystère soit comparable à celle de Tombouctou. Il est donc certain qu’elle restera encore longtemps en dehors du mouvement de grand tourisme dont la naissance est d’ailleurs de date encore récente en Afrique Occidentale Française.» (La Mauritanie, 1931:47)*

<sup>13</sup> Le Tourisme en Afrique Occidentale Française (1931) Exposition Coloniale Internationale de Paris, Commissariat de l’Afrique Occidentale Française, Imprimerie A. Thoyon-Thèze, Rochefort-sur-Mer.

<sup>14</sup> La Mauritanie (1931) Exposition Coloniale Internationale de 1931, Gouvernement Général de l’Afrique Occidentale Française, Société d’Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, Paris.

<sup>15</sup> «Ajoutons que la sécurité de ces régions est encore relative. Elles restent exposées, à toute époque de l’année, aux incursions de bandes de pillards venant de la zone insoumise. Même de la part des populations dites soumises ou ralliées, les attentats sont toujours possibles contre l’Européen qui ne peut se déplacer sans une escorte armée composée de gens sûrs. Encore doit-il tenir en compte que les armes transportées excitent la convoitise des pillards.» (La Mauritanie, 1931:47).

<sup>16</sup> «Aujourd’hui, la colonie du Sénégal a oublié ce passé sanglant ; elle vit en pleine et totale sécurité. La Mauritanie monte la garde tout là-bas dans ses sables roux, à plus de six cents kilomètres de sa capitale.» (La Mauritanie, 1931:59).

Ficou vaticinado através destas linhas um futuro pouco radioso para a Mauritânia enquanto destino turístico, algo que só viria a ser contrariado muitos anos mais tarde, quando o seu território desértico deixou de ser considerado uma desvantagem e passou a ser percebido como uma mais-valia. A década de 1930 verá o aparecimento de uma intensa produção de guias e brochuras que tentam promover e consolidar o turismo colonial na África Ocidental Francesa como um todo.

#### 4. O turismo enquanto dispositivo Imperial

Aqui analiso o turismo como construção social (Burns, 2004:260), mas também enquanto dispositivo privilegiado dos desígnios imperiais e seu importante veículo de propaganda, análise ao longo da qual presto sobretudo atenção à forma como este se constituiu em mais do que apenas uma vitrina da “missão civilizadora” francesa. Tal como é referido por Colette Zytnicki:

«[...] le tourisme s'inscrit parfaitement dans le dispositif impérial: il est considéré comme une vitrine de l'œuvre française, une utile propagande de ses réalisations, la démonstration de sa capacité à sauvegarder et à mettre en valeur les richesses historiques et naturelles du pays, mais également comme un moyen de croissance économique.» (Zytnicki, 2013:113).

Nesta reflexão parto da premissa da existência e concomitância de distintos *habitus* coloniais (Correa, 2011), mobilizados pelas diferentes potências europeias face aos seus territórios ultramarinos (Cardeira da Silva e Oliveira, 2013), e acredito que o estudo e a percepção das formas como estes mesmos *habitus* foram fundados e postos em marcha pode contribuir para o conhecimento das diferentes práticas imperiais.

Assim, entendo que o estudo do turismo enquanto dispositivo imperial, ou melhor: a promoção turística enquanto instrumento dos desígnios imperiais, se constituiu a partir de uma *especificidade* metropolitana que nos poderá dar pistas sobre a forma como os vários impérios coloniais dos séculos XIX e XX se relacionavam com os seus territórios coloniais. Como tal, creio que através do estudo das práticas turísticas coloniais, i.e da sua *mise en scene*, se poderá aferir da *qualidade* e da acuidade das relações entre metrópole e colónias.

Numa primeira leitura há que atentar que no contexto francês o turismo colonial foi frequentemente promovido como um ‘dever’ que deveria ser

cumprido pelos cidadãos nacionais, e entendido como uma forma privilegiada de contacto em primeira mão destes últimos com os “factos” do colonialismo e os benefícios da acção civilizadora, funcionando nesse sentido como um dispositivo caucionador da presença francesa nos territórios ultramarinos, tal como é sistematizado por Ellen Furlough:

“Colonial tourism was represented as a duty for French citizens, a vehicle for tourists to educate themselves about the ‘facts’ of colonialism and the ‘good news’ of France civilizing mission through firsthand experiences. Evidencing a distinct pedagogical intention, colonial tourism as a lesson was meant to validate and affirm not only the *idée colonial* but also the colonial project of the French imperial nation-state.” (Furlough, 2002:443)

Como tal, o estudo do turismo em situação colonial, constituindo-se enquanto vasto campo por explorar no contexto das ex-colónias europeias, transforma os territórios coloniais em *pleasure peripheries*, a partir da formulação de Turner e Ash (1976)<sup>17</sup>, dotando-os simultaneamente de novos e mais densos significados enquanto territórios em relação (política, administrativa, simbólica) com uma metrópole.

Foi a procura desses significados e da sua densificação, que espoletou o estudo da forma como a Mauritânia foi promovida turisticamente, quer junto da população metropolitana, quer junto dos colonos franceses aí residentes. Para tal foi necessário proceder a uma análise do material de arquivo existente – guias, brochuras, folhetos – que assenta na divulgação e promoção do território mauritano enquanto destino turístico, bem como a uma pesquisa sobre a forma como a Mauritânia foi ‘representada’ pela França em território metropolitano, algo particularmente bem manifestado nas grandes Exposições Coloniais de 1922 e 1931, às quais nos dedicámos brevemente.

Os vinte e um anos que separam as duas grandes guerras mundiais foram essenciais para o florescimento do turismo nas colónias. Em França as Exposições Coloniais de 1922 e de 1931 revelavam as dimensões humanas da alteridade ao reproduzirem os *habitats* e as práticas culturais dos povos colonizados. A estruturação cada vez mais sofisticada da actividade turística em território metropolitano veio a reflectir-se na tentativa de estruturação da mesma nos territórios coloniais sob administração francesa. A desmultiplicação de algumas organizações centrais no desenvolvimento e na democratização do turismo metropolitano para os territórios coloniais

<sup>17</sup> Na proposta de Turner e Ash as “*pleasure peripheries*” seriam áreas periféricas receptoras de turistas, que resultavam da existência de um centro metropolitano emissor de turistas. O turismo em contexto colonial vem alargar as próprias noções de centro e periferia, transformando neste caso as colónias em periferias de um centro metropolitano imperial.

é disso sintomática: tal como foi o caso do Touring Club de France que passa a promover em 1930 roteiros para alguns territórios coloniais<sup>18</sup>, retirando o exclusivo da promoção do turismo nas colónias às organizações governamentais.

Em súpula, considero o território mauritano sob administração francesa como um bom terreno para pensar se, e de que forma as práticas turísticas terão contribuído para a formação de uma identidade imperial francesa, e também de que forma as representações veiculadas sobre o território a partir da metrópole, com vista à sua promoção turística, o dotaram de alguma centralidade no mapa cognitivo colonial.

### Considerações finais

Insisti aqui no carácter periférico da Mauritânia enquanto território colonial, no contexto da África Ocidental Francesa, periferação que pôde ser vista, essencialmente e em grande medida, através da promoção turística do território e dos discursos a ela vinculados, que contribuíram para perpetuarem o estatuto marginal do país no contexto e no âmbito da narrativa colonial ligada ao lazer.

Efectivamente, a obsessão *organizadora* e sistematizadora dos impérios coloniais não se revestia da plasticidade necessária para a compreensão de um extenso território que abarcava uma multiplicidade e diversidade étnica e geográfica. Como tal as categorizações que sustentavam os binómios África do Norte *versus* África subsaariana, e 'mouros' *versus* 'negros' acabaram por se impor de forma categórica, cristalizando-se e contribuindo para a construção e para a reificação de fronteiras identitárias. Nestas haverá que atentar à criação de tipificações fenotípicas e também de hierarquias de ordem geográfica: os 'mouros' do norte de África seriam mais 'autênticos' e/ou 'puros' que os 'mouros' miscigenados da Mauritânia, esse *país-fronteira*.

A promoção turística da Mauritânia assentou, num primeiro momento, em dois tipos de discurso distintos: 1) aquele que não lhe atribuía qualquer tipo de atractivo turístico, reservando-lhe um papel de território "tampão" entre as colónias francesas do norte e do sul de África, um imenso espaço dissuasor preenchido por areia; e 2) aquele que lhe atribuía atractivos que não lhe pertenciam, como a possibilidade de caça de espécies 'exóticas' que não deambulavam abundantemente por aquelas latitudes. Ambos

pecavam, um por excesso e outro por defeito, por um desconhecimento completo e efectivo do país, que se traduzia pela importação de um discurso que lhe era estranho, e que não lhe servia.

Mais tarde, a Mauritânia seria promovida turisticamente a partir de outro tipo de recursos e características, o turismo *etnográfico* é disso um exemplo, mas o deserto só se viria a constituir enquanto produto turístico central algumas décadas após a independência colonial do país. No entanto, e apesar da periferia turística a que o território também foi relegado durante o período colonial, é notório, através de uma análise do material de arquivo, que a Mauritânia se foi constituindo como uma espécie de nicho cujo êxito era crescente.

Creio que a lente do turismo, através da qual foram analisadas as práticas e os discursos sobre a Mauritânia colonial, se afirmou como um lugar de observação válido para a discussão do estatuto do país no quadro das colónias da África Ocidental Francesa, e contribui para uma nova e diferente perspectiva sobre o território e as suas representações passadas e presentes.

Efectivamente, o predicamento periférico de que a Mauritânia foi alvo, com especial intensidade durante o período colonial, e que foi sobretudo visível através do discurso da promoção turística, mas também através da sua representação nas grandes exposições coloniais metropolitanas, assume-se nesta dissertação como um ponto de partida para a discussão e para a desmontagem dos discursos contemporâneos que insistem em colocar a Mauritânia num limbo identitário. É precisamente a pertença a essa *marginem* que tem caracterizado a Mauritânia, outrora como agora, e foi esse processo de *marginalização* que procurei identificar, desenhar e compreender.

### Bibliografia

Benedict, Burton. 1991. International Exhibitions and National Identity. *Anthropology Today*, Vol.7, No.3, pp.5-9.

Bennett, Tony. 1988. The Exhibitionary Complex. *New Formations*, Number 4, pp. 73-102

Blanchard, Pascal (et all). 2008. *Human Zoos. Science and Spectacle in the Age of Colonial Empires*. Glasgow: Liverpool University Press.

18 Touring-Club de France. La Revue du Touring-Club de France, 1930/04. Por ocasião do centenário da ocupação colonial da Argélia a «Revue du Touring-Club de France» dedica a capa a este país, bem como um texto que promove a Argélia enquanto destino turístico: "Un devoir nationale: Connaître l'Algérie!" da autoria de G. Rozet.

Boëtsch, Gilles; Ardagna, Yann. 2008. Human Zoos: The 'Savage' and the Anthropologist. In Pascal Blanchard et al (eds.) *Human Zoos. Science and spectacle in the age of colonial empires*, pp.114-122. Glasgow: Liverpool University Press.

Burns, Peter. 2004. Six postcards from Arabia: A visual discourse of colonial travels in the Orient. *Tourist Studies*, Vol. 4 (3), pp.255-275.

Cardeira da Silva, Maria; Oliveira, Sandra. 2013. O primeiro cruzeiro de férias às Colónias. In Maria Cardeira da Silva (org.). *Castelos a Bombordo*. Lisboa: CRIA.

Correa, Sílvio. 2011. Caça e preservação da vida selvagem na África Colonial. *Revista Esboços*, Vol.18, Nº25: 164-183.

Furlough, Ellen. 2002. 'Une leçon des choses: Tourism, Empire, and the Nation in Interwar France. *French Historical Studies*, Vol.25, Nº3, pp.441-473.

Gregory, Derek. 1999. Scripting Egypt: Orientalism and the cultures of travel. In James Duncan and Derek Gregory (eds.), *Writes of Passage: Reading Travel Writing*. London and New York: Routledge

Hale, Dana. 2008. *Races on Display. French Representations of Colonized Peoples, 1886-1940*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

Lucas, Joana. 2014. *Entre « o céu e a areia » turismo, viagens e expedições. Mapeando discursos e práticas sobre a Mauritânia*. Tese de Doutoramento em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Mitchell, Timothy. 1988. *Colonising Egypt*. Berkeley: University of California Press.

Mitchell, Timothy. 1998. Orientalism and the Exhibitionary Order. In Donald Preziosi, *The Art of Art History*, pp. 409-423. Oxford: Oxford University Press.

Turner, Louis; Ash, John. 1976. *The Golden Hordes: International Tourism and the Pleasure Periphery*. New York: St. Martin's Press.

Zytnicki, Colette. 2013. 'Faire l'Algérie agréable'. Tourisme et colonisation en Algérie des années 1870 à 1962. *Le Mouvement Social*, 2013/1 n°242, pp.97-114.

## Nota Biográfica

Joana Lucas é doutorada em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), com a dissertação "Entre "o céu e a areia": turismo, viagens e expedições. Mapeando discursos e práticas sobre a Mauritânia". É licenciada em Antropologia pela FCSH/NOVA (2004) e Mestre em Antropologia: Multiculturalismo e Identidades pelo ISCTE-IUL (2009). É investigadora do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) desde 2008.

Foi investigadora de pós-doutoramento na Université Aix-Marseille (LabexMed, MMSH), financiada pela Fundação Gerda Henkel (2015-2016). Actualmente é investigadora de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia.